

# Os Dinossauros na Literatura Adventista do Sétimo Dia: Um Breve Estudo

Davi Vieira de Amorim<sup>1</sup>  
Renato Stencel<sup>2</sup>

**Resumo:** Desde o século 19, o tema dos dinossauros tem aparecido de forma recorrente na literatura da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Com as constantes descobertas de fósseis desses animais, muitos estudiosos adventistas buscaram conciliar o relato bíblico da criação do mundo e a coexistência desses seres (uma vez que eles geralmente são usados nos meios científicos como evidência da teoria da evolução). O objetivo deste artigo é investigar a percepção adventista quanto ao assunto, desde os primórdios até o início do século 21, analisando o desenrolar das discussões e as influências envolvidas. Para a realização deste trabalho foi utilizado o método de análise bibliográfica. Dentre os principais autores pesquisados estão Ellen G. White, George M. Price, James L. Hayward, Samuel P. Tregelles e Francis H. Nichol. A pesquisa conclui que não há uma posição definida da igreja quanto ao tema, sendo que as duas explicações alternativas para a origem dos dinossauros – por criação divina ou por amalgamação – são claras e compreensíveis dentro de seus respectivos contextos hermenêuticos.

**Palavras-chaves:** Dinossauros; Origem; Dilúvio; Amalgamação.

Editor Científico: **Eduardo Cavalcante Oliveira Santos**  
Organização Comitê Científico  
Double Blind Review pelo SEER/OJS  
Recebido: 09/04/2022  
Aprovado: 19/07/2022

**Como citar:** VIEIRA DE AMORIM, D. ; STENCEL, R. . Os Dinossauros na Literatura Adventista do Sétimo Dia: Um Breve Estudo. *Kerygma*, Engenheiro coelho (SP), v. 17, n. 1, p. e01565, 2022. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v17.n1.pe01565>

<sup>1</sup> Bacharelado em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP, São Paulo, campus Engenheiro Coelho, (Brasil). E-mail: [crystalva1844@gmail.com](mailto:crystalva1844@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em história da educação pela Universidade Metodista de Piracicaba - Unimep, São Paulo, (Brasil). Diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White UNASP, e do Centro Nacional da Memória Adventista. Professor de teologia histórica na Faculdade de Teologia do UNASP, Campus Engenheiro Coelho, e do programa de Pós-graduação em Teologia do UNASP, Campus Engenheiro Coelho. E-mail: [renato.stencel@unasp.edu.br](mailto:renato.stencel@unasp.edu.br) Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-1806-8113>



# The Dinosaurs in the Seventh-Day Adventist Literature: A Brief Study

**Abstract:** Since the 19th century the theme of dinosaurs has recurrently appeared in the Seventh-day Adventist Church literature. With the constant discoveries of fossils of these animals, many Adventist scholars sought to reconcile the biblical account of the world creation and the coexistence of these beings (since they are commonly used in scientific circles as evidence for the theory of evolution). The purpose of this article is to investigate the Adventist perception on the subject, from the beginnings of the church history to the early 21st century, analyzing the course of the discussions and the influences involved. To carry out this work, the method of bibliographic analysis was used. Among the main authors researched are Ellen G. White, George M. Price, James L. Hayward, Samuel P. Tregelles, and Francis H. Nichol. The research concludes that the church does not have an assertive position on the subject, and both alternative explanations for the origin of dinosaurs – by divine creation or by amalgamation – are clear and understandable within their respective hermeneutical contexts.

**Keywords:** Dinosaurs; Origin; Flood; Amalgamation.

## Introdução

O século 19 foi marcado por grandes inovações científicas. Com o impulso do pensamento iluminista, esse período foi marcado por uma independência da sociedade quanto aos meios primitivos de construção e manutenção social. As pessoas poderiam circular por lugares distantes em menos tempo, com o advento da locomotiva e dos navios a vapor; não dependeriam mais da luz solar nem do gás das lamparinas, pois poderiam manter-se vívidos no período noturno com o advento da luz elétrica; automóveis, dirigidos pela Ford, incendiavam o mundo, e tudo isso culminava no fortalecimento de uma sociedade econômica e culturalmente estatizante. Nesse sentido, a filosofia e a religião começaram a perder espaço na vida do ser humano moderno. Essa segregação ampliou-se mais com a formulação das teorias evolucionistas de Charles Darwin e o socialismo de Karl Marx.

Nesse contexto surge um tema que em muitas ocasiões, desde o início, seria usado como argumento contra a interpretação literal dos primeiros capítulos de Gênesis: os dinossauros. O documento mais antigo acerca de descobertas de ossos de dinossauros foi



a descrição do fêmur de um megalosauro, em Oxfordshire, Inglaterra, feita por Robert Plot em 1677, na qual ele mencionou “um grande osso de homem ou ao menos de outro animal” (WEISHAMPEL; DODSON; OSMÓLSKA, 1990, p. 2). Na era moderna, a primeira descoberta foi em 1818, próximo de Stoniesfield, em Oxfordshire. Em 1824, o pesquisador Buckland descreveu o animal descoberto como um *megalosaurus* – termo latino que significa “grande lagarto” (WEISHAMPEL; DODSON; OSMÓLSKA, 1990). A partir disso, várias descobertas se seguiram em toda a Europa.

Em 1841, o biólogo Robert Owen cunhou o termo *dinossauro* (em grego, “lagarto terrível”) para se referir aos animais que, segundo ele, viveram antes da era dos mamíferos (analisando dentro de uma progressão evolucionista). Entre 1858 e 1892, inúmeros esqueletos de dinossauros foram montados, e, em 1896, Marsh catalogou 20% dos dinossauros que conhecemos hoje (WEISHAMPEL; DODSON; OSMÓLSKA, 1990). Contudo, as descobertas geológicas por si só não apresentam um quadro informativo por completo. Sobre isso, o paleontólogo Michael J. Benton (2008, p. 6) diz:

Como a maioria dos paleontólogos, às vezes me sento na cama durante a noite e me pergunto se o registro fóssil é informativo ou não. Charles Darwin escreveu sobre a “imperfeição do registro geológico”, e ele estava bem ciente de que a maioria dos organismos nunca são fossilizados, e, por isso, os paleontólogos não têm acesso a grande parte da vida primitiva.

Ao longo dos anos, foram formuladas diversas explicações para o surgimento dos dinossauros. Atualmente, a teoria mais comum é a de que os dinossauros vieram à existência 215 milhões de anos atrás, frutos de variações climáticas, geológicas e radioativas que promoveram a proliferação e adaptação dessas espécies (SERENO, 1999).

Apesar de ser a mais aceita, no entanto, essa teoria não fica isenta de discordâncias dentro da academia científica. Tratando das três diferentes dimensões que buscam retratar a origem dos dinossauros, o paleontólogo Kevin Padian (2013, p. 423) afirma que “nenhuma dessas dimensões sozinhas respondem à questão dos dinossauros e, às vezes, fornecem implicações conflitantes”.

Considerando toda a diversificação quanto ao tema, este artigo tratará o assunto dentro do viés bíblico criacionista e da literatura adventista, com base em estudos produzidos por pesquisadores pertencentes a essa denominação. Além disso, analisará



brevemente o entendimento de alguns estudiosos cristãos quanto a possíveis menções de dinossauros na Bíblia.

## Os Dinossauros na Bíblia

É consenso entre teólogos e linguistas bíblicos que a palavra dinossauro não ocorre na Bíblia. No entanto, há três grupos de textos bíblicos que, segundo alguns estudiosos, poderiam se referir a esses animais e que serão analisados brevemente no original hebraico e na tradução grega da Septuaginta (a mais antiga versão da Bíblia Hebraica).

A primeira e mais comum das possibilidades é o que aparece em Jó 40:15 e 41:1, em que o autor bíblico menciona duas criaturas — בְּמֹתַי (Beemote) e לֵוִיָּתָן (Leviatã) — que aparentemente não têm paralelo com nenhum ser vivo conhecido no reino animal hoje. Embora alguns autores interpretem essas criaturas como dinossauros, a maioria dos estudiosos possuem um entendimento diferente. Sobre esse ponto, o geólogo Raúl Esperante (2009, p. 6), no artigo “Dinossauros: a Bíblia fala sobre eles?” comenta:

A Bíblia menciona duas estranhas criaturas: beemote (Jó 40:15-18) e leviatã (Jó 41:1), que alguns interpretam como possíveis exemplos dos dinossauros pós-diluvianos. Entretanto, a maioria dos eruditos não aceita essa explicação, e esses termos são geralmente traduzidos respectivamente como hipopótamo e crocodilo. Não estão relacionados aos dinossauros.

Outra suposta menção aos dinossauros nas Escrituras Sagradas seria o uso das palavras hebraicas מִין (*min*) (geralmente traduzida como “espécies”) e especialmente תַּנִּין (*tannin*) (geralmente traduzida como “grandes animais marinhos”). Segundo alguns autores, essas poderiam ser referências a dinossauros, principalmente em textos de Gênesis. Essa interpretação, contudo, tem pouca aceitação entre os estudiosos. O termo *min* ocorre em alguns textos do Pentateuco,<sup>3</sup> sendo a primeira vez em Gênesis 1:24, em que William L. Holladay (2010) aponta duas traduções: “tipo” e “espécie”. O *Comentário Bíblico Adventista* explica que a palavra engloba todos os tipos de seres vivos, não se limitando a um em específico (NICHOL, 2012). Já a segunda palavra ocorre em diversos

<sup>3</sup> Gn 1:21, 24, 25; 6:20; 7:14; Lv 11:14-16, 19, 22, 29; Dt 14:13-15, 18. Essa palavra aparece também em Ez 47:10.



textos do Antigo Testamento,<sup>4</sup> sendo a primeira vez em Genesis 1:21, em que Samuel P. Tregelles (1964) traduz como “grande monstro do mar” ou “variedades de peixes”.

Há uma terceira possibilidade, ainda menos creditada, mas importante de ser mencionada. Ela foi apresentada em um artigo publicado na *Ministry Magazine* em 1978, em que Robert F. Correia (1978) argumenta que Gênesis 6:4 pode se referir aos dinossauros. Ele chegou a essa conclusão com base em dois fatos: (1) o termo hebraico נְפִלִים (*nefilim*), que ocorre em Gênesis 6:4, costuma ser traduzida como “gigantes”; e (2) Ellen G. White afirmou terem existido animais gigantes antes do dilúvio (WHITE, 1945).

Fazendo uma análise do texto original de Gênesis 6:4, a palavra hebraica que ali aparece é נְפִלִים (*nefilim*), que Tregelles (1964) afirma referir-se a pessoas de “grande estatura”, mas que também está relacionado a “caídos”, “rebeldes” e “apostatas”. O *Comentário Bíblico Adventista* segue linha de interpretação semelhante:

Esses “gigantes”, *nefilim*, não eram produto de casamentos mistos, como alguns sugerem. [...] Uma vez que nessa época toda a raça humana era de grande estatura, pode ser que a palavra designe o caráter, em vez da estatura. [...] Dotados de inteligência e habilidade, eles devotaram persistentemente suas capacidades físicas e intelectuais à gratificação do próprio orgulho e das paixões, e a opressão do próximo (NICHOL, 2012, p. 238).

É importante fazermos uma breve análise dessas palavras na Septuaginta, uma vez que essa tradução é bastante antiga e, assim, pode oferecer uma interpretação mais próxima do que seria o significado dos termos originais hebraicos presentes no texto bíblico.

Analisando o texto de Jó 40:15, a Septuaginta traduz a palavra בְּמֹתַי (Beemote) como θηρία (*tería*). Esse termo vem da mesma raiz de θηρίον (*teríon*), que, segundo Henry George Liddel e Robert Scott (1897), significa um “animal selvagem”, “besta hostil e odiosa para o ser humano”. Essa mesma palavra ocorre em Apocalipse 13, ao tratar das duas bestas: uma que se levanta da terra, e outra, do mar. Tratando do texto de Jó 41:1, a Septuaginta traduz לֵוִיָּאֵל (Leviatã) como δράκοντα (*draconta*), derivada da mesma raiz de δράκων (*dracon*), que Liddel e Scott (1897) identificam como “dragão” ou “serpente”. Essa

<sup>4</sup> Gn 1:21; Êx 7:9, 10, 12; Dt 32:33; Ne 2:13; Jó 7:12; Jó 30:29; Sl 44:19; 74:13; 91:13; 148:7; Is 13:22; 27:1; 34:13; 35:7; 43:20; 51:9; Jr 9:11; 10:22; 14:6; 49:33; 51:34, 37; Ez. 29:3; 32:2.



palavra aparece em Apocalipse 12, ao retratar o conflito do dragão (diabo) e Miguel. Marvin H. Pope (1974, p. 320) argumenta:

A LXX delinea *theria*, “animais”, que é similar ao targum, mas a Vulgata e a Siríaca traduzem a palavra referindo-a a um único animal. Alguns intérpretes têm entendido que o termo pode se aplicar para o elefante. Contudo, desde Bochart, críticos mais modernos têm identificado este animal como o hipopótamo.

Dentro da perspectiva de Gênesis 1:24, na LXX a palavra hebraica מִן (*min*) é traduzida como τετράποδα (*tetrápoda*), que Liddel e Scott (1897) identificam como referindo-se a “quadrúpedes” ou “animais de quatro patas”. A outra palavra, תַּנִּינִם (*tannin*), que se encontra em Gênesis 1:21, o texto da Septuaginta traduz como κήτη (*kéte*), que os mesmos autores traduzem como “monstros” ou “grandes peixes” (LIDDEL; SCOTT, 1897). Sobre esse ponto, o *Comentário Bíblico Adventista* diz

Pela segunda vez a palavra criou, “*bara*”, é usada no capítulo 1 para indicar a introdução de algo totalmente novo: a criação de animais. Ao executar a sua palavra, Deus criou os grandes animais marinhos, *tanninim*. A tradução “baleias” (ARC e KJV) tem um escopo limitado. A palavra tem diferentes significados, como “serpente” (Êx 7:9, 10, 12) e “dragão” (Is 51:9; Ez 29:3, ARC), mas deve significar “monstro marinho” nesta passagem, como no Salmo 148:7. [...] Como no caso das plantas criadas no terceiro dia, é feita a declaração de que tanto os peixes quanto as aves foram criados “segundo as suas espécies”, indicando explicitamente que as diferentes espécies de animais foram estabelecidas na criação (NICHOL, 2012, p. 195-196).

A última palavra a ser averiguada é נְפִלִים (*nepilim*), que ocorre em Gênesis 6:4. A LXX faz uma equivalência no grego com a palavra γίγαντες (*gigantes*), que Liddel e Scott (1897) traduzem como “gigantes”. Sobre este ponto, E. A. Speiser (1964) comenta que esse termo está em paralelo com Números 13:33, que apresenta o relatório dos espias de Israel quanto à Terra Prometida, quando que constataram a presença de homens de elevada estatura.

Mais uma vez, é notório perceber que não há como afirmar a presença dos dinossauros na Bíblia Sagrada, mas apenas cogitar possibilidades ou propor especulações.

## A Origem dos Dinossauros nos Escritos de Ellen G. White



É de comum acordo entre os especialistas que Ellen G. White não menciona o termo dinossauros em seus escritos. No entanto, por ser um tema conhecido em seus dias, com base em recentes descobertas de animais fossilizados, alguns supõem que ela tenha retratado indiretamente esses animais em seus escritos.

A primeira declaração encontra-se no livro *Spiritual Gifts*, volume 3, na qual Ellen G. White (1945, p. 75) afirma que “toda espécie de animal que Deus criou foi preservada na arca. As espécies confusas, as quais Deus não criou e eram resultado de amálgama, foram destruídas pelo dilúvio”.

Em resumo, a escritora afirma que existiam animais frutos de amalgamação. Por possuírem características disformes e até mesmo monstruosas, há uma possível identificação dos dinossauros como um dos animais amalgamados mencionados por ela. Porém, sem nenhuma afirmação específica de White com relação a isso, as discussões ficam no campo das especulações. Outro texto, no qual se levanta a hipótese da presença desses monstros pré-históricos, é oriundo do mesmo volume dessa série, em que White (1945, p. 121) aponta que

Ossos de homens e animais são encontrados no chão, montanhas e vales, o que demonstra que homens e animais muito maiores habitaram na Terra no passado. Foi-me mostrada que animais enormes e poderosos, os quais não existem mais, existiram antes do dilúvio.

Ao analisar essa frase, em paralelo com a anterior, fica uma dúvida: seriam esses animais que foram extintos no dilúvio os mesmos animais frutos de uma amalgamação? Sobre a extinção dos dinossauros, George McCready Price (1952, p. 2) comenta: “Os dinossauros eram verdadeiros répteis; e muitos desses grupos ainda sobrevivem hoje, como os crocodilos, os lagartos e as cobras.”

No terceiro texto, novamente pertencente à série *Spiritual Gifts* volume 3, a autora comenta: “Há uma classe de animais muito grandes que pereceu no dilúvio. Deus sabia que a força do homem diminuiria e que esses animais mamutes não poderiam ser controlados por um homem debilitado” (WHITE, 1945, p. 121). Sobre esse texto, Raúl Esperante (2009, p. 9) argumenta: “Ellen White também não os menciona, e não estamos absolutamente seguros quanto ao significado de sua afirmação referente a ‘animais muito grandes’.” Como pode-se notar, não há nada nos escritos proféticos que apontem a origem



dos dinossauros, mas apenas possíveis especulações quanto a alguns textos, que não são claros para resolver a questão.

Na época de Ellen G. White, a palavra amalgamação era comumente usada para referir-se à união entre diferentes grupos étnicos, como negros e brancos (DOUGLASS, 2001). No dicionário de Cambridge, amalgamação (*amalgamation*, em inglês) refere-se à união de grupos organizacionais, ou adesão de grupos separados. Esse mesmo significado é usado pelo dicionário de Oxford (WEHMEIER, 2000). Sobre o referido tema, Francis D. Nichol (2020, p. 245) afirma: “A acepção primária da palavra ‘amalgamação’ indica a fusão de certos metais, envolvendo especialmente o mercúrio.” Mas qual seria o significado da palavra amalgamação utilizada por Ellen G. White? Em um texto de *Spiritual Gifts*, volume 3, a autora diz:

Mas se havia um pecado acima de outros que exigia destruição da raça pelo dilúvio, era o nefando crime de amalgamação de homem e animal, que desfigurava a imagem de Deus e causava confusão por toda parte. Era propósito de Deus destruir por um dilúvio aquela poderosa e longeva raça que havia corrompido diante do Senhor (WHITE, 1945, p. 64).

Acerca dessa citação, Nichol (2020, p. 245) argumenta:

Acreditamos que o significado da frase em questão seja este: “amalgamação de homem e [de] animal”. Dessa forma, a passagem estaria falando da amalgamação de diferentes etnias e da amalgamação de diferentes raças de animais. A construção gramatical e o uso comum do termo “amalgamação” nos permitem entender que a preposição “de” está implícita.

Além do sentido de mistura de raças, Ellen G. White emprega o mesmo texto para tratar da união entre cristãos fiéis e mundanos. Essa preocupação em relação à possível união entre seres humanos e animais, ou seres humanos entre si e animais entre si, dá-se pelo fato de colocar em voga uma relação estrita dos monstros antigos (que eram frutos de uma mistura de humanos e animais), descredibilizando os seus escritos. Sobre isso, Nichol (2020, p. 245) afirma que

todo o teor dos escritos de Ellen White fornece um testemunho forte contra a alegação de que ela está procurando apresentar como fato algumas histórias antigas sobre a união de homens e animais e a respectiva descendência deles. Seus escritos não são maculados com antigas fábulas fantasiosas. Eles têm um caráter fortemente prático.





Essa preocupação é recorrente entre os estudiosos adventistas. No intuito de não criar conflito com a ciência, o método científico começou a ser parâmetro para interpretação dos escritos de Ellen G. White. Porém, tratando sobre a segurança do método científico para as interpretações, o filósofo Karl Popper (1968, p. 281) argumenta: “A ideia equivocada da ciência trai a si mesma no desejo de estar correta; porque não é a posse de conhecimento, de verdade irrefutável, que produz o fazer científicos, mas sua busca persistente e incansável pela verdade.”

A ciência moderna, como é defendido por Popper, não é a interpretação absoluta das coisas, mas pensamentos especulativos como um dos meios de interpretar a natureza. No livro *Educação*, Ellen White faz um alerta quanto à busca de harmonizar Bíblia e ciência em todo tempo. Apesar de não se referir aos seus escritos, o princípio poderia ser aplicado a eles, uma vez que esses também são inspirados. Ela diz:

Inferências erroneamente tiradas dos fatos observados na natureza têm, entretanto, dado lugar às supostas divergências entre a ciência e a revelação; e nos esforços para restabelecer a harmonia, tem-se adotado interpretações das Escrituras que solapam e destroem a força da Palavra de Deus (WHITE, 1997, p. 128).

Em suma, é coerente afirmar que o debate quanto ao assunto da origem dos dinossauros e amalgamação nos escritos de Ellen G. White estão ainda indefinidos em seus parâmetros. Mas deve-se atentar que a busca incessante por respostas usando como chave hermenêutica o método científico não oferece uma interpretação segura dos textos, além do risco de colocar em xeque a autoridade dos escritos inspirados.

### **Publicações da *Review and Herald* Quanto à Origem dos Dinossauros**

Nenhuma das publicações oficiais da *Review and Herald* apresenta uma posição oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia quanto à origem dos dinossauros, dentro de uma perspectiva bíblico-adventista (HAYWARD, 1993). A primeira vez que a palavra dinossauros apareceu em uma publicação oficial adventista foi em 1878. Nessa edição consta um breve parágrafo no qual é descrito uma descoberta científica feita em Morrison,



Bear Creek.<sup>5</sup> O que chama atenção é que o título da seção é “*Antediluvian monsters*” (Monstros antediluvianos), uma expressão similar à que aparece nos escritos de Ellen White, nos quais ela descreve animais muito grandes que pereceram no dilúvio (LITTLEJOHN, 1878; cf. WHITE, 1945).

A igreja estava mais preocupada em resolver os dilemas entre a ciência e a Bíblia do que necessariamente discutir o tema dentro do viés adventista. Por isso, não se segue declarações claras acerca desse assunto até o ano de 1978, com a publicação do livro *Dinosaurs* (*Os dinossauros*, na versão em português) dos autores Ruth Wheeler e Harold G. Coffin, para o público infanto-juvenil. Nessa obra, eles afirmam:

Como foi que os dinossauros chegaram à existência? [...] A Bíblia nos diz que Deus criou vários tipos de plantas e animais durante a Semana da Criação [...]. O pecado resultou em mudanças nos animais e plantas criados por Deus. Como consequência do pecado, apareceram algumas coisas como espinhos, cardos, garras, presas e ferrões. O pecado resultou em mudanças que fizeram com que alguns dinossauros se tornassem ferozes e feios (WHEELER; COFFIN, 1978, p. 21-22).

Esse livro continuou a ser divulgado como “recomendados” pela *Review and Herald*. No entanto, sete anos depois do lançamento desse livro, o editor da revista, Eugene F. Durand, publicou um artigo em 1985, sob o título “*Dinosaurs Dilemma*” (O dilema dos dinossauros). Nesse artigo, Durand fundamenta-se no texto de Ellen G. White no qual ela afirma que os animais frutos de amalgamação não entraram na arca de Noé, mas foram destruídos no dilúvio (WHITE, 1945). Assim sendo, ele afirma:

Parece que os dinossauros se enquadram nesta última categoria. Pode haver alguma verdade na ideia de que “o homem está aqui porque os dinossauros desapareceram”, e que Deus os destruiu para tornar mais fácil para os humanos sobreviverem após o dilúvio (DURAND, 1985, p. 13).

Como percebe-se, existia um conflito de opiniões sobre o assunto, onde um dos palcos era a *Review and Herald*. A discussão parece ficar mais acalorada quando, em 1993, o cientista James L. Hayward escreve um artigo de capa respondendo perguntas de pessoas acerca da origem dos dinossauros — fruto do grande interesse popular nesses

---

<sup>5</sup> Tratando dessa descoberta, William Shea (1997) comenta: “A formação Morrison, de 100 metros de espessura, que contém os restos de muitos dinossauros, se estende sobre mais de 1 milhão de quilômetros quadrados, e o grupo Shinle, que encerra madeira petrificada, cobre 800 mil quilômetros quadrados.”



animais. Nesse mesmo ano, foi lançado o primeiro filme da série *Jurassic Park* (Parque dos Dinossauros). Discordando da ideia de que os dinossauros foram frutos de amalgamação, o autor afirma: “Os dinossauros, creio eu, fizeram parte do maravilhoso desfile da vida ordenado pelo Criador” (HAYWARD, 1993, p. 14). Além disso, comentando sobre o mesmo texto de *Spiritual Gifts* tratado no artigo de Eugene F. Durand, Hayward (1993, p. 13) comenta:

O criacionista adventista Frank Marsh, por outro lado, rejeitou a ideia de que o amálgama pudesse ter causado mudanças tão dramáticas nos animais. Ele acreditava que Deus fez os dinossauros com outros répteis e mamíferos no sexto dia da criação. Embora a opinião de Marsh tenha recebido pouca publicidade na igreja, é consistente com a opinião de criacionistas não adventistas como Duane Gish, do Institute for Creation Research.

Esse artigo gerou bastante repercussão naquele ano. Na seção de “cartas” da *Review*, criou-se um bloco chamado “Dinosaurs and Other Saur’s”, que publicava artigos de pessoas comentando sobre as publicações relacionadas ao assunto. Dois meses depois do artigo de Hayward, o pastor adventista Kris Widmer (1993, p. 2) escreveu uma crítica à revista, dizendo:

Acredito que tenha sido apenas coincidência que a capa e a contracapa da edição de 12 de agosto tenham sido dedicadas a essas feras antigas, e não a “minha *Review*” sucumbindo à dinomania! Foi colorido e interessante, mas inoportuno, em minha opinião. Por favor, mais fotos de capa de Jesus, a igreja, Seu corpo e as pessoas tomando sua posição pelo Senhor. Afinal, a *Review* é o periódico da igreja! “Queremos ver Jesus”, não sensacionalismo e identificação com a cultura pop!

Por outro lado, o pastor Gregory Hoenes (1993, p. 2), na mesma seção de cartas da *Review*, acerca do artigo de James L. Hayward, disse:

Tive de escrever para expressar minha gratidão pelo artigo “Dinosaurs”, de James L. Hayward. Agora, não posso mais dizer que esse é um problema biológico ao qual ainda não vi os adventistas responderem de forma satisfatória. Sua franqueza e compromisso com os fatos devem estabelecer novos padrões para os ensaios denominacionais sobre tópicos dessa natureza.

De todo esse panorama, pode-se perceber as divergências acerca desse assunto no que diz respeito ao ambiente da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Além disso, é notável a influência fruto da popularização dos dinossauros e a chamada “dinomania” (expressão



que caracteriza a grande aceitação popular dos dinossauros) na percepção dos estudiosos adventistas quanto às origens dos dinossauros.

### **Publicações da *Signs of the Times* Quanto à Origem e Extinção dos Dinossauros**

O primeiro artigo publicado na revista *Signs of the Times* no qual se discorre academicamente sobre os dinossauros foi no ano de 1918. Em um texto intitulado “Preserved from Flood” (Preservados do dilúvio), o biólogo George McCready Price define o que seriam os dinossauros e como teria ocorrido sua extinção dentro do relato bíblico. Apesar de não mencionar diretamente a origem dos dinossauros (se foram criados por Deus ou seriam fruto de uma mutação genética), o autor argumenta:

Cada pessoa que já visitou um dos grandes museus contemplou com espanto, que não deixa de ser misturado com horror, esses esqueletos de monstros pré-históricos que antes perambulavam por ali, e a maioria das pessoas que vê esses ossos realiza uma prece silenciosa de agradecimento por tais criaturas não serem mais encontrados vivos na Terra (PRICE, 1918, p. 2).

A expressão “monstros pré-históricos” é similar à que apareceu na edição de 1878 da revista *Review and Herald*. Esse termo reverbera nos escritos de Ellen G. White, quando ela trata de animais antediluvianos que foram destruídos por Deus por não terem sido criados por Ele. Isso fortalece-se ainda mais pelo fato de os trabalhos de George McCready Price serem fortemente influenciados pelos escritos de Ellen G. White. Em outro artigo publicado seis anos depois, Price (1924) aponta algumas características singulares com relação à extinção desses animais. Citando no fim do artigo o texto de 2 Pedro 3:6, o autor salienta o dilúvio como a causa mais provável para a extinção desses animais.

No entanto, um ano depois, o então professor de biologia do *Pacific Union College*, Harold W. Clark, em seu texto, intitulado “The Earth speaks to the Evolutionists” (A Terra fala aos evolucionistas), buscou demonstrar as evidências que apontam a coexistência de seres humanos e dinossauros no mesmo período, a partir de um achado arqueológico na região de Hava Supai Canyon, no Arizona. Usando o texto de Jó 12:7-9, Clark (1925, p. 3) comenta:



Então, podemos chamar a atenção do Dr. Osborn [evolucionista] para o fato de que o texto de Jó nos fala para ouvirmos a voz da Terra como evidência de que “O Senhor criou isso”, e não foi fruto de forças naturais do processo de evolução.

Apesar de estar respondendo aos evolucionistas, o autor afirma que Deus criou os dinossauros. É a primeira afirmação feita na revista *Signs of Times* quanto a esse assunto. Em 1935, George McCready Price publica outro artigo sobre o tema, intitulado “Bones, Bones” (Ossos, ossos), no qual ele mantém as ideias apresentadas onze anos antes quanto à extinção dos dinossauros. Ele comenta:

Uma coisa que a respeito desse fenômeno nós temos que considerar é que todas essas criaturas – plantas, peixes, mamíferos, e enormes répteis – parecem ter sido muito repentinamente oprimidos e soterrados pela água em movimento; e estamos tentando atribuir a mesma causa para todos esses casos, isto é, o dilúvio (PRICE, 1935, p. 5).

Naquela época, havia maior preocupação de grande parte dos estudiosos adventistas em combater as teorias evolucionistas, dentro dos limites científicos, do que reivindicar as suas crenças dentro de um viés teológico ou doutrinário – como foi afirmado em um editorial da revista em 1925 (BAKER, 1925).

Porém, na seção *Your Bible Questions Answered* (“Suas questões bíblicas respondidas”), em 1952, é publicado a pergunta de um leitor acerca dos tipos de animais que foram preservados na arca. Em resposta, tratando dos dinossauros, Price (1952, p. 2) responde: “Os dinossauros eram verdadeiros répteis; e muitos desses grupos ainda sobrevivem hoje, como os crocodilos, os lagartos e as cobras.”

Em um artigo publicado em 1961, intitulado “The Earth... Shall Teach Thee” (“A Terra... te ensinará”), Richard H. Utt (1961) apresenta o dilúvio como uma catástrofe universal responsável pela extinção dos grandes animais que não vemos hoje, como os dinossauros. Utt (1961, p. 21), tratando dos possíveis motivos para a extinção dos dinossauros, comenta:

O livro de Deus declara que, na época do grande dilúvio, “morreram todos os seres vivos que se moviam sobre a terra: aves, animais domésticos, animais selvagens, e todos os enxames de criaturas que povoam a terra [...]” (Gn 7: 21) – exceto aqueles animais salvos vivo na arca. Será que os dinossauros, por algumas razões óbvias, não foram excluídos da arca? Temos apenas que aceitar o relato do dilúvio como verdadeiro, e as páginas que faltam dessa “história misteriosa” podem ser fornecidas logicamente.



Em resumo, é notório perceber a preocupação dos criacionistas adventistas em estabelecer um diálogo harmonioso com a ciência. Isso é exposto por Francis D. Nichol (2020, p. 245) em seu artigo “Amalgamação e os escritos de Ellen White”, no qual ele comenta:

Poderíamos deixar a questão assim, considerando as duas afirmações dela em *Spiritual Gifts* como estando além do alcance de investigação ou prova. A própria Bíblia contém algumas afirmações parecidas, como todos os estudantes das Escrituras bem sabem. No entanto, há outra explicação para as passagens que falam sobre a amalgamação, a qual é mais satisfatória e evita qualquer conflito com o método científico.

Assim como em artigos da *Review*, não há uma definição clara quanto à origem dos dinossauros dentro de um escopo bíblico cristão adventista, o que torna visível o conflito de conceitos dentro da igreja quanto ao assunto. Apesar disso, na *Signs of the Times* não há tantas divergências de ideias quanto na *Review*, possivelmente por ser uma revista mais aberta para um público externo.

### **A Origem e Extinção dos Dinossauros na Revista *Youth's Instructor***

A primeira vez em que aparece a palavra dinossauros nesse periódico é em 1902, em um curto parágrafo no qual é mencionada a descoberta de fósseis nos estados de Nova Jersey e Kansas. Ao total, 26 artigos dessa revista, publicados entre 1902 e 1969, usam a palavra dinossauros.

A primeira vez em que um artigo trata especificamente sobre o assunto referido foi em 1933, na seção *Counsel Corner*. Escrito pelo biólogo George M. Price, o texto trata de questões como a existência dos dinossauros, a veracidade dos fósseis, a datação dos esqueletos e a possível relação da extinção dos animais com o dilúvio. Tratando sobre a formação dos fósseis, Price (1933, p. 14) comenta que “não temos nenhum desses animais vivos hoje porque não pareceu bem a Deus que esses animais extremamente grandes sobrevivessem ao dilúvio”.

Atualmente, essa ideia não é mais defendida nos meios acadêmicos em geral, uma vez que a maioria dos fósseis encontrados aponta que 85% dos dinossauros eram pequenos, pesando em média até 60 quilos (DODSON, 2006). Em 1933, outro artigo é publicado na revista, intitulado “Prehistoric monsters and the flood” (Monstros pré-



históricos e o dilúvio). Escrito por Walter F. Specht, professor de teologia na Universidade de Loma Linda, o texto menciona alguns dos fósseis mais conhecidos na época. Assim como em outros artigos desse período, o autor utiliza expressões como “monstros” e animais “bizarros” e “estranhos”. Sobre a origem desses animais com formas “bizarras”, Specht (1935, p. 10) não argumenta a respeito, porém salienta que a fossilização desses animais ajuda a compreender a ocorrência do dilúvio.

Os dinossauros voltam a tomar as páginas da revista em 1941, “Alice in Wonderland” (Alice no País das Maravilhas), escrito por Alice Meelen, no qual ela descreve sua visita a uma pedreira de fósseis na região de Vernal, Utah. Sobre o contato com os fósseis, Meelen (1941, p. 6) afirma:

O guia nos levou por toda a pedreira e nos mostrou de onde os esqueletos e partes de esqueletos foram retirados, bem como espécimes que estavam sendo escavados. Não havia apenas esqueletos de dinossauros lá, mas ossos de milhares de criaturas pré-históricas e mais recentes. Porém, eu estava interessada nos répteis. Veio em minha mente a descrição de Satanás. Eram verdadeiros “dragões voadores”, com asas de morcego.

Em um artigo publicado em 1955, escrito por Hazel O. Austin e intitulado “Footprints from the past” (Pegadas do passado), são analisadas as descobertas da época quanto aos fósseis dos dinossauros, estruturas e formas dos animais. Seguindo a mesma linha de pensamento defendida por George Price, Austin (1955) afirma que esses animais foram extintos no dilúvio, certamente por conta da contínua queda de *força* do ser humano, que ocorria com o passar do tempo, graças ao pecado (cf. WHITE, 1945).

Nas edições subsequentes da revista, até 1969, os artigos não tratam do referido assunto dentro do viés adventista. Por ser uma revista aberta ao público não denominacional, a discussão é traçada entre o conflito de conceitos: evolucionismo e criacionismo, similar às publicações da revista *Signs of the Times*. Nas edições de 1956, 1965 e 1969, o assunto é voltado a discutir as descobertas de fósseis recorrentes da época e a veracidade desses. No entanto, assim como nas outras revistas, não se vê uma posição dogmática das instituições de pesquisa da igreja e de estudiosos adventistas quanto à origem e extinção dos dinossauros nesse referido tempo de publicações da revista *Youth's Instructor*.



## **A Origem e Extinção dos Dinossauros nos Artigos Publicados na Revista *Ministry***

O primeiro artigo publicado na revista *Ministry* na qual aparece a palavra dinossauros foi em 1934, em uma série de dois artigos intitulada “The small beginnings of the evolution theory” (O pequeno início da teoria da evolução), escrito por George M. Price. Nesse artigo, Price (1934) alerta os pastores da igreja quanto aos perigos da influência da teoria da evolução no mundo cristão, apresentando toda a argumentação dos evolucionistas para fundamentarem sua teoria na geologia, rebatendo-a. É evidente, nesse texto, a preocupação dos cientistas adventistas em contestar a teoria da evolução.

O segundo artigo no qual é tratado o tema dos dinossauros foi publicado em 1940, escrito por Francis D. Nichol, que era editor associado da *Review and Herald* naquela época. Em seu texto, o autor levanta o seguinte questionamento: “Por que permitir que o diabo use os restos do antigo mundo réptil dos dinossauros e criaturas semelhantes para nos confundir hoje?” (NICHOL, 1940, p. 36). Sobre isso, o próprio autor diz:

Nós somos o povo da profecia, e procuramos falar com alguma autoridade acerca do fim do mundo. Deveríamos também ser o povo da antiguidade, e aprender a falar com autoridade acerca do início de nosso mundo. Não é muito dizer que deveríamos estar familiarizados com as evidências e provas das histórias de Gênesis tanto quanto as histórias e provas relacionadas aos livros de Daniel e Apocalipse. [...] Se perdermos na linha de batalha do Gênesis, pouca relevância terá a nossa defesa do Êxodo ao Apocalipse (NICHOL, 1940, p. 36).

O tema dos dinossauros não é tratado na revista até o ano de 1978, com um artigo escrito por Robert F. Correia, intitulado “Drama of the disappearing dinosaurs” (O drama do desaparecimento dos dinossauros). Nesse artigo, Correia (1978) usa uma expressão até então inusitada, quando analisamos as publicações adventistas sobre o assunto, referindo-se aos dinossauros como “animais maravilhosos”, o que contrasta com os termos “monstros antediluvianos” e “monstros pré-históricos”, que recorrentemente apareciam na *Review and Herald* e na *Signs of the Times*. Tratando da origem e extinção desses animais, o autor faz a seguinte consideração:





O rápido desaparecimento de todas as espécies de dinossauros, que é tão complexo para os paleontólogos, é exclusivamente explicado por Ellen G. White: “Havia uma classe de animais muito grandes que pereceu no dilúvio.” No entanto, por causa da confusão causada pela amalgamação, e a impossibilidade dos seres humanos de lidarem com esses animais gigantescos, a Providência divina encerrou um dos memoráveis capítulos na história da vida dos vertebrados na Terra (CORREIA, 1978, p. 31).

Outra vez que a revista trata acerca do tema dos dinossauros é em 1984, em que é publicado um artigo que aborda 14 temas relacionados ao criacionismo e à evolução, escrito pela equipe de estudiosos do *Geoscience Research Institute*. No tema 12, é mencionado o *Archaeopteryx*, um animal fossilizado descoberto no sul da Alemanha em 1861. Sobre esse animal, os estudiosos afirmam ser um pequeno dinossauro que, como o tamanduá bandeira e o ornitorrinco bico de pato, foi um tipo de animal criado por Deus (GEOSCIENCE, 1984). Essa foi a última publicação sobre o tema na revista até o final do século 20.

Como percebe-se, não havia uma distinção clara quanto à origem dos dinossauros nos artigos publicados na revista. Há uma divergência de ideias que, como nas outras revistas, demonstra uma incerteza dos estudiosos quanto à resolução do assunto.

## **A Origem e Extinção dos Dinossauros na Revista *Diálogo***

A revista *Diálogo* é recente dentro da história das publicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sendo lançada em 1989 e, desde então, destinada a estudantes universitários, professores, capelães e profissionais adventistas do sétimo dia em todo o mundo. Nessa revista, a palavra *dinossauros* aparece entre os anos de 1991 e 2015, em 19 artigos publicados nas edições em português e em 14 artigos nas edições em inglês.

A primeira vez em que os dinossauros são mencionados foi em um artigo escrito pelo físico Benjamin L. Clausen, intitulado “Pode a ciência explicar tudo?”. Nesse artigo, o pesquisador busca esclarecer as limitações científicas para interpretações dos fenômenos naturais. Porém, em relação à ciência, que visa explicar eventos catastróficos, como a extinção dos dinossauros, o cientista salienta ser limitada, pois é um produto de esforços humanos (CLAUSEN, 1991).

O tema dos dinossauros aparece pela segunda vez nas páginas da revista em 1993, em um artigo intitulado “Os intrigantes dinossauros”, escrito por Elaine Graham-Kennedy,



paleontóloga e cientista do Instituto de Geociência de Loma Linda. Segundo a autora, até o início da década de 1980, algumas pessoas se recusavam a crer que Deus havia criado essas criaturas, por conta da escassez de fósseis. Porém, isso muda na década de 1990, quando 285 dinossauros foram identificados mundialmente (KENNEDY, 1993). Além disso, a autora manifesta a crença na possibilidade de que alguns desses animais estivessem vivos após o dilúvio, uma vez que a Bíblia apresenta a descrição de criaturas que se assemelhariam a dinossauros, como o Leviatã. Porém, essa ideia não é defendida pela maioria dos eruditos.

Além disso, Elaine Kennedy realiza uma pequena crítica ao livro e ao filme *Jurassic Park*, lançado naquele mesmo ano, o qual gerou repercussão na Igreja Adventista em geral. Sobre o material da arte do filme, ela afirma que “a coloração dos dinossauros, tanto no filme como no livro, está baseada na teoria evolucionista e nos supostos relacionamentos entre os dinossauros, pássaros e lagartos” (KENNEDY, 1993). Kennedy conclui o artigo tratando das incertezas quanto ao assunto, afirmando que:

Como cristãos adventistas do sétimo dia, precisamos exercer precaução, porque os dinossauros não são mencionados nem na Bíblia nem nos escritos de Ellen White. Aquelas descrições geralmente atribuídas aos dinossauros (por exemplo, “grandes animais” e “amalgamação”) podem ser aplicadas a outros organismos que são preservados no registro dos fósseis (KENNEDY, 1993).

A discussão diminui no final do século 20 após a publicação desse artigo. Porém, no início do século 21, volta à tona, com um texto escrito por Raúl Esperante, cognominado “*Archaeopteryx*: um réptil voador”. O autor apresenta a discussão entre os paleontólogos ao determinar se esse fóssil de dinossauro, descoberto no ano de 1861, na Alemanha, se enquadraria no grupo de réptil ou de pássaro. Alguns estudiosos, segundo Esperante (2005), o classificam como um “dinossauro com penas”. Sobre o animal, ele comenta:

Acredito que o *Archaeopteryx* era uma criatura única com características que talvez não possam ser catalogadas em nenhuma categoria atual de seres vivos. Sua origem e natureza parecem obscuras, e, é possível que seja apenas mais um exemplo da enorme capacidade criativa do Criador (ESPERANTO, 2005).

Porém, o fato de esse dinossauro não se enquadrar em nenhuma categoria de espécies atuais pode permitir a possibilidade de que seja enquadrado na categoria de



animais amalgamados, conforme apresentado por Ellen G. White no livro *Spiritual Gifts*, volume 3.

Um ano depois, outro artigo sobre os dinossauros é publicado, mais uma vez, escrito por Elaine Kennedy, intitulado “Dinossauros: perguntas que os cristãos fazem”. A autora discorre sobre as dúvidas que as pessoas levantam quanto à origem desses animais. Sobre o surgimento dessas questões, Kennedy afirma que tais questões se originam pela dificuldade de conciliar a existência dos dinossauros e a compreensão da natureza de Deus (KENNEDY, 2006). Tratando da categoria biológica dos dinossauros, ela comenta:

Enquanto estudavam os ossos, os cientistas também desenvolveram um sistema de classificação a partir de várias estruturas ósseas distintas, exclusivas desse grupo de animais. [...] O exame da estrutura dentro dos ossos sugere que os dinossauros são um grupo único de animais, muito distinto dos mamíferos e répteis (KENNEDY, 2006).

Essa linha de pensamento corrobora com o que foi apresentado por Esperante no que diz respeito ao fóssil do *Archaeopteryx*. Do mesmo modo, a autora sugere que essa evidência poderia demonstrar que os dinossauros eram uma espécie única, criada por Deus, conforme registrado no Gênesis (KENNEDY, 2006). Ainda abordando a possível origem dos dinossauros estar atrelado a atividades satânicas, ou algo paralelo, Kennedy (2006) argumenta:

Satanás alterou o DNA de alguns animais para produzir os dinossauros? Os seres humanos são responsáveis pela origem dos dinossauros? Os seres humanos criaram geneticamente os primeiros dinossauros? A resposta a todas essas perguntas, em minha opinião, é “não”. Os dinossauros eram organismos distintos. Eles tinham estruturas e características que eram exclusivas deles. Isso significa que sua origem exigia mais do que mistura ou alteração; exigia novas informações, uma atividade criativa que a maioria dos cristãos acredita que reside somente no poder de Deus.

Por fim, quanto à questão da presença desses animais na arca de Noé, ela salienta que “não existem dados científicos que sustentem essa ideia. A crença de que os dinossauros estavam na arca de Noé é uma declaração de fé” (KENNEDY, 2006).

Como é perceptível, não há uma definição clara quanto ao assunto, assim como nas publicações de outras revistas da igreja. Além disso, é perceptível um entendimento



diversificado dos estudiosos adventistas quanto ao assunto, o que pode incorrer em diferentes interpretações quanto à origem e extinção desses animais.

## **Considerações Finais**

As descobertas dos dinossauros geraram um impacto na cosmovisão bíblica e adventista, sendo geralmente usados como evidência da teoria da evolução. No entanto, os pesquisadores adventistas, desde o século 19, buscaram rebater tais teorias a fim de fundamentar cientificamente suas ideias. Ao que tudo indica, o tema dos dinossauros continuará sendo pauta de discussão por muito tempo, sem uma afirmação concreta quanto à origem e extinção desses animais. As duas coisas estão atreladas e uma pode justificar a outra, quando observadas à luz da Bíblia Sagrada e dos escritos de Ellen G. White.

Nesse sentido, percebe-se que não há uma posição concisa por parte dos estudiosos adventistas quanto à origem dos dinossauros, mas apenas teorias distintas – criação ou amalgamação. Essas teorias, quando analisadas em seus respectivos contextos, são possíveis. Além disso, nota-se a influência cultural e social exercida na construção do pensamento desses pesquisadores, os quais buscavam evitar um conflito com a ciência evolucionista.

Este artigo forneceu um panorama geral da percepção de pesquisadores adventistas ao longo da história, e como deu-se a construção e formulação de seus pensamentos. Apesar de não abranger todos os autores que comentaram a respeito, o presente artigo destacou as principais ideias dos principais escritores que hoje constroem o entendimento de muitas pessoas acerca do assunto.

Para pesquisas posteriores, sugerimos um maior aprofundamento da influência cultural na percepção do tema, em especial a partir da década de 1980. Esse período foi marcado pelo início de uma massificação mundial do assunto, conquistando pessoas de diferentes faixas etárias. Além disso, é necessário desdobrar a influência da ciência “secular” em face à compressão adventista com respeito aos dinossauros e as descobertas de fósseis.



## Referências

- AUSTIN, H. O. Footprints of the past. **Youth's Instructor**, v. 103, n. 25, p. 3-4, 18, jun. 1955.
- BAKER, A. L. Why attack evolution? An open letter. **Signs of the Times**, v. 52, n. 46, p. 11, jan. 1925.
- BENTON, M. J. **The history of life: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- CAMBRIDGE. **International dictionary of English**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- CLARK, H. W. The Earth speaks to the evolutionists. **Signs of the Times**, v. 71, n. 30, p. 9, ago. 1925.
- CLAUSEN, B. L. Pode a ciência explicar tudo? **Diálogo Universitário**, v. 3, n. 2, p. 8-10, 1991.
- CORREIA, R. F. Drama of the disappearing dinosaurs. **Ministry Magazine**, v. 51, n. 4, p. 28-32, abr. 1978.
- DOUGLASS, H. **Mensagem do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- DURAND, E. F. Dinosaurs dilemma. **Adventist Review**, v. 162, n. 36, p. 2, 13, ago. 1985.
- ESPERANTO, R. *Achaeopteryx*: um réptil voador. **Diálogo Universitário**, v. 17, n. 1, p. 32-33, 2005.
- ESPERANTO, R. What does the Bible say about dinosaurs? **Ministry Magazine**, v. 81, n. 12, p. 6-10, dez. 2009.
- GEOSCIENCE, Research Institute. Major objections to Creation and how we answer them. **Ministry Magazine**, v. 57, n. 5, p. 18-23, mai. 1984.
- GIBBS, P. T. Mike. **Youth's Instructor**, v. 117, n. 40, p. 15-16, out. 1969.
- GOLDSTEIN, C. Cliff's edge-choose your farfetchedness. **Adventist Review**, jun. 2018.
- HAYWARD, J. L. Dinosaurs. **Adventist Review**, v. 170, n. 32, p. 12-15, ago. 1993.
- HOENES, G. Dino and other saurs. **Adventist Review**, v. 170, n. 41, out. 1993.
- HOLLADAY, W. L. **Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- KENNEY, E. G. Os intrigantes dinossauros. **Diálogo Universitário**, v. 5, n. 2, p. 9-11, 34, 1993.
- KENNEY, E. G. Perguntas e respostas sobre os dinossauros. **Diálogo Universitário**, v. 18, n. 3, p. 9-12, 2006.
- LIDDEL, H. G.; SCOTT, R. **A Greek-English lexicon**. 8. ed. Oxford: Oxford University Press, 1897.



- LITTLEJOHN, W. H. Antediluvian Monsters. **Review and Herald**, v. 51, n. 2-4, p. 192, jun. 1878.
- MELEEN, A. Alice in Wonderland. **Youth's Instructor**, v. 89, n. 7, p. 5, fev. 1941.
- NICHOL, F. D. Restudying the doctrines. **Ministry Magazine**, v. 13, nº.3, p. 35-37, mar. 1940.
- NICHOL, F. D. Why attack evolution? An open letter. **Adventist Review**, v. 140, n. 6, p. 11, fev. 1966.
- NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário bíblico adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.
- NICHOL, F. D. **Ellen White e seus críticos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020.
- PADIAN, K. The problem of dinosaurs origins: integrating three approaches to the rise of Dinosauria. **Earth and Environmental Science Transactions of the Royal Society of Edinburgh**, v. 103, n. 3-4, p. 423-442, set. 2013.
- POPE, M. H. **Job**: introduction, translation and note. 3. ed. Garden City: Doubleday & Company, 1982.
- POPPER, K. **The logic of scientific discovery**. Londres: Routledge Classics, 1968.
- PRICE, G. M. Preserved from diluvian. **Signs of the Times**. v. 45, n. 45, p. 2, nov. 1918.
- PRICE, G. M. Counsel corner. **Youth's Instructor**, v. 81, n. 28, p. 14, jul. 1933.
- PRICE, G. M. The small beginnings of the evolution theory. **Ministry Magazine**, v. 7, n. 8, p. 16-17, ago. 1934.
- PRICE, G. M. Bones, bones. **Signs of the Times**, v. 62, n. 2, p. 5, jan. 1935.
- PRICE, G. M. Your Bible questions answered. **Signs of the Times**, v. 79, n. 7, p. 2, fev. 1952.
- SERENO, P. C. The evolution of dinosaurs. **Science**. v. 284, n. 5.423, p. 2137-2147, jun. 1999.
- SHEA, W. H. O dilúvio: apenas uma catástrofe local? **Diálogo Universitário**, v. 9, n. 1, p. 10-13, 1997.
- SPECHT, W. F. Prehistoric monsters and the flood. **Youth's Instructor**, v. 83, n. 37, p. 4, set. 1935.
- SPEISER, E. A. **Genesis**: introduction, translation, and notes. Garden City: Doubleday & Company, 1964.
- TREGELLES, S. P. **Hebrew and Chaldee lexicon**. Grand Rapids: Eerdmans, 1964.
- UTT, R. H. When dinosaurs roamed the earth. **Signs of the Times**, v. 88, n. 2, p. 20, fev. 1961.
- WEHMEIER, S. **Oxford advanced learner's dictionary**. 6. ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- WEISHAMPEL, D. B.; DODSON, P.; OSMÓLSKA, H. **The dinosauria**. Oxford: University of California Press, 1990.
- WHEELER, R.; COFFIN, H. G. Os dinossauros. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.



WHITE, E. G. **Spiritual gifts, volume III**. Washington, DC: Review and Herald, 1945.

WHITE, E. G. **Vidas que falam**: meditações matinais 1971. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1971.

WHITE, E. G. **Educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

WIDMER, O. Kris. Dino and other saurs. **Adventist Review**, v. 170, n. 41, out. 1993.

WOOD, K. H. Specially priced during the international Year of the Child. **Adventist Review**, v. 156, n. 37, 1979.